



VI Colóquio do NEPE

III Colóquio NEPE/Langage

Psicanálise, Saúde Pública e Políticas de Saúde

O tema de 2011 - PSICANÁLISE, SAÚDE PÚBLICA E POLÍTICAS DE SAÚDE - contempla as possibilidades de diálogo entre o saber psicanalítico e as políticas públicas de saúde em nosso país.

SINGULARIDADE E COLETIVO: A PSICANÁLISE COMO POSSIBILIDADE DE ARTICULAÇÃO NA SAÚDE PÚBLICA

Roberta Junqueira Frayha

Resumo:

O contato com a psicologia social, bem como com o campo interdisciplinar ligado ao serviço social, ao aconselhamento forense, ou a outros órgãos ligados a saúde pública (Conselho Tutelar, CRAS, CREAS etc.), abriu espaço para uma reflexão do lugar do sujeito da palavra, enquanto sujeito dotado de alteridade, dentro de um campo paradigmático adaptacionista, formalista e de uma ética (confundida, muitas vezes com moral), embasada em critérios comportamentais e de valores pré-estabelecidos. A proposta de reflexão tem a ver com o que se tem como conceito de ética, enquanto filosofia que lida com a ação humana. Ação esta, no contemporâneo, que abarca o antagonismo de tantas possibilidades, de “liberdades” conquistadas à angústia em que as escolhas remetem o homem de nossa época. Ainda neste campo de reflexão, agrega-se um complicador, o da busca do prazer imediato, dificultando a articulação e a construção do coletivo, do laço social. Convida-se, então, a ponderar alguma forma de pensar o sujeito, levando em conta a sua marca, dando voz a ele, a partir de paradigmas que envolvem o pensamento psicanalítico. Então, considerando uma possível articulação entre saúde mental e psicanálise implica levar em conta certas peculiaridades de ambos os campos. Se levarmos em consideração o conceito atribuído a saúde, segundo a concepção médica, ou da Organização Mundial de Saúde, ligado a um modelo ideal, com critérios de perfeição (pré estabelecidos dentro de parâmetros eleitos pelo sistema dominante de idéias) de bem estar do indivíduo, físico, mental e social; encontraremos desde já um impasse ligado ao campo da psicanálise. O que é ideal? O que é considerado perfeição? A Psicanálise surge trazendo consigo um repensar da sexualidade, enquanto um conjunto de atividades, de representações, de sintomas; o sexual da ordem das pulsões, dos desejos. Segundo Garcia Rosa, “a pulsão escapa à trama da linguagem, da palavra, da representação”, marca o limite do discurso conceitual. É relevante elucidar a questão do sintoma, como expressão de conflito, retorno do recalado, de conteúdos da ordem, segundo Freud, de elementos inconscientes, expressos de outras formas, da manifestação do sujeito. Onde o sujeito de desejo se revela, na falha do discurso, na ambivalência dos pares opostos representados pelo amor e ódio. Em contrapartida não desprezemos o cotidiano nos serviços assistenciais, há de se levar em conta vários fatores: políticos, econômicos, a relação entre os sujeitos envolvidos no processo; questões inter relacionais e questões que muitas vezes promovem a esses sujeitos (profissionais e usuários) a se depararem com os enigmas e limitações de cada ser falante, diante da castração. Pensar, então, na saúde mental (sob o paradigma psicanalítico) é considerar a sociedade contemporânea como se apresenta. Uma sociedade, entre outros apontamentos, onde o declínio da função paterna impera e a precariedade simbólica para que o sujeito

se sustente aponta ao mal estar. Uma sociedade onde o imaginário, em sua busca de completude e respostas, impera na tentativa de aplacar o mal estar. O sofrimento não encontra espaço para articulações, as demandas de questões são aplacadas fulminantemente por respostas imaginárias de tamponamento rumo ao consumo ou a desesperadas respostas imediatas, ou a parâmetros comportamentais pré-estabelecidos na tentativa de ordenação e controle (imaginariamente considerados como possibilidade de uma suposta segurança). Como, então, trabalhar dentro da saúde pública para que o sujeito encontre possibilidades de existência em sua alteridade? Talvez possamos pensar, a princípio em alguma possibilidade de interlocução entre os diversos campos de atuação envolvidos no trato com o usuário. Algum espaço para a palavra, onde ela possa adquirir valor. Espaço para que os sujeitos envolvidos (digo dos profissionais) possam falar do que os atravessa, do que os impede, muitas vezes, de suportar as diferenças, as limitações do outro, ao esbarrar em suas próprias mazelas. Um espaço de desconstrução de certezas e generalizações; um ir além do que se apresenta: *(...) é somente aquele que escapa das aparências pode chegar à verdade (...)*” (Lacan, Seminário 7, p. 363). Algo aparentemente simples, mas bastante complexo e relevante é suportar as limitações do outro; o que implica em suportar as nossas próprias limitações. Suportar a escolha do outro é também algo um tanto quanto angustiante, principalmente quando esta vai na contra mão do que se considera “aceitável”, “razoável” (dentro dos parâmetros de normalidade vigentes). Seria, pois, possível pensar um campo clínico para a saúde mental (saúde pública) articulado a uma Ética, enquanto possibilidade do sujeito se inscrever no coletivo, considerando seu peculiar modo de existência, responsabilizando-o por suas escolhas, porém em algum momento podendo ser amparado em suas limitações singulares. Pensemos assim, na possibilidade da psicanálise na instituição enquanto uma aposta.

Coordenação: **Roberta Ecleide de Oliveira Gomes Kelly** (Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica, Pós-Doutora em Filosofia da Educação) e **Sergio Lopes Oliveira** (Psicanalista, Correspondente do Collège International de Philosophie-Paris, Mestrando em História da Ciência).

Organização:



www.nucleodepsicanalise.com.br